

# A HISTÓRIA MILITAR E O CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS COMBATENTES DO EXÉRCITO BRASILEIRO: 200 ANOS DE HISTÓRIA

AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras

Elton Licério Rodrigues Machado  
Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN),  
Resende, Rio de Janeiro, Brasil  
• E-mail: etn.lic12@gmail.com

## RESUMO

O trabalho possui por finalidade apresentar um breve resumo da evolução da disciplina de História Militar como parte integrante do curso de formação do oficial combatente do Exército Brasileiro. Desta forma procurou através de pesquisa bibliográfica definir uma ordem cronológica ao ensino de História Militar nas diferentes escolas militares que foram sede do curso de formação. Buscou também estabelecer as referências nas quais os diferentes professores e instrutores se basearam e concluir sobre as distintas influências a que estavam submetidos os encarregados da pesquisa e do ensino de História Militar por dois séculos. Assim, visa fornecer subsídios para estabelecer um debate sobre os conteúdos curriculares e a contribuição da História Militar, enquanto disciplina, para a formação do Oficial do Exército Brasileiro.

Palavras-Chave: Exército Brasileiro; Educação Militar; História Militar.

## 1 INTRODUÇÃO

O método historiográfico moderno, que visa aprender lições importantes para o presente através do estudo do passado, é inaugurado por Maquiavel na sua obra “O Príncipe”<sup>1</sup>. Assim, os generais que pensaram as questões relativas à guerra, a partir do século XVIII, procuraram resolver os seus questionamentos recorrendo a fontes historiográficas. Esse é um dos principais argumentos que fazem da História Militar um campo freqüentado, muitas vezes, quase exclusivamente por militares. Este foi uma importante questão que motivou a atual

pesquisa e definir certa metodologia de trabalho. No presente artigo não se buscou trabalhar diretamente com as interpretações históricas e suas metodologias. No entanto, o trabalho ao resgatar a evolução da disciplina de História Militar, indiretamente e sem se aprofundar, tratou desses assuntos.

A evolução da disciplina dentro do curso de formação faz parte do contexto do próprio desenvolvimento da História enquanto ciência ou campo do conhecimento humano, principalmente no Brasil. Não obstante, do presente trabalho não se procurou discutir ou estabelecer relações com os trabalhos que analisam as teorias e metodologia da História Militar atualmente<sup>2</sup>.

Para descrever o processo histórico da evolução da disciplina, o presente trabalho buscou abordar a problemática em duas partes distintas, mas que mantém integração ente si. A primeira parte se concentra na atuação do coronel e professor Pedro Cordolino frente a disciplina na Escola Militar. Foram os primeiros registros sobre os problemas da História Militar. Acompanhando o Coronel Cordolino, inferiu-se sobre como a História era abordada e seus problemas em definir os objetivos da disciplina, para o curso de Formação.

Na segunda parte, aparece a importante contribuição do Coronel Ruas Santos, que procurou estabelecer uma história científica, amparado nas primeiras referências sobre teoria e metodologia do conhecimento histórico, produzidas no Brasil. Nessa parte, abordou-se ainda, o distanciamento entre a História Militar e a evolução do conhecimento teórico da produção historiográfica, ocasionada pela conjuntura político-ideológica como a principal causa do estabelecimento de uma metodologia própria

<sup>1</sup> A obra O Príncipe, de Maquiavel, comentado por Napoleão editado pela BIBLIEx em 1998, é um exemplo.

<sup>2</sup> Importantes trabalhos que possuem como objeto a discussão teórica da História Militar são os artigos do Professor Arno (WEHLING, 2001); do professor Marcos Sanches (SANCHES, 2010) e; o primeiro capítulo do Livro Nova História Militar Brasileira (CASTRO, 2004).

para o ensino da História Militar, a partir da década de 1970. Da mesma forma, demonstrou a procura recíproca entre os militares e as universidades, depois de superado os conflitos.

Finalmente, percebeu que a História Militar, enquanto disciplina do curso de formação do oficial combatente, está em permanente construção. Consequência de seu condicionamento, por um lado, as políticas de ensino e as mudanças curriculares da AMAN e, por outro, o constante aperfeiçoamento nos estudos e pesquisas no campo da História militar.

## 2 O ENSINO DE HISTÓRIA MILITAR DE 1810 A DÉCADA DE 1950

A preocupação de estudar a História Militar surge, como disciplina voltada para a formação de oficiais da Força Terrestre, no momento da criação da Academia Real Militar, impressa no Decreto de 1810. Mas ficou dependente da agregação de um oitavo ano e da criação de uma biblioteca. Somente, a partir do regulamento de 1839, o estudo da História Militar passou realmente a fazer parte do currículo e ser ministrado dentro do curso de formação. (MOTTA, 1998, p. 77-78). A disciplina compreendia o mesmo que fora estabelecido no primeiro estatuto, ou seja, um estudo da “*História Militar de todos os povos e seus respectivos progressos na Arte e Ciência militar. Dará ideia dos maiores generais nacionais e estrangeiros e explicará os planos das mais célebres batalhas*”. (AZEVEDO, 1998, p. 33).

A partir de então o ensino de História Militar não saiu mais dos currículos. No entanto, não passou incólume pelas inúmeras reformas curriculares pelas quais passou a construção do ensino militar no século XIX. Como discorre o Coronel Cordolino<sup>3</sup>, sobre o ensino da disciplina na segunda metade do século XIX:

<sup>3</sup> O Coronel Pedro Cordolino F. de Azevedo foi professor na Escola Militar do Realengo desde os anos finais da década de 1910, transferiu-se junto com a Escola para a cidade de Resende, onde atuou, aparentemente, nos primeiros anos. Lecionou História Militar no curso de formação de oficiais combatentes do Exército por 26 anos. O coronel, como se verá mais adiante, ainda é uma influência marcante nos conteúdos e no ensino da História Militar na AMAN. Quando se aposentou, o professor juntou suas notas de aula em um livro. A edição conhecida foi publicada pelo Departamento de Imprensa Nacional no ano de 1950, com o título de História Militar, volume 1, que versava sobre História Militar Geral. No entanto, existem informações de uma publicação do ano de 1946. No ano de 1998, a Biblioteca do Exército (BIBLIEX), lançou uma nova edição do volume 1, sob o mesmo título, sem mencionar que era o primeiro volume. O segundo volume tratou sobre a História Militar do Brasil, e segundo informação do General Jonas de Moraes Correia Neto, na apresentação que faz da edição de 1998, foi lançada em 1952, pelo Departamento de Imprensa Nacional.

Foi, pois, um bom começo esse estudo da História, tal como determinaram os regulamentos de 1810 e 1833. Mas, depois, com as sucessivas reformas, demos novo rumo ao estudo da disciplina, juntando seu estudo com o da Tática e da Estratégia, tal como se fez nos regulamentos de 1860 e 1863. Depois, seu estudo foi mais prejudicado no regulamento de 1889, no qual a História Militar aparece reunida àquelas duas disciplinas e acrescida da Fortificação. Isto no que diz respeito aos cursos de Infantaria e Cavalaria. Quanto aos cursos de Artilharia, Engenharia e Estado-Maior, a História não era neles matéria de cogitação. Passava seu estudo, assim, a ser relegado a um plano inferior, já que não era exigido dos oficiais que seriam um dia chamados a dirigir o Exército.

O absurdo a que chegamos em relação a tão capital assunto culminou com regulamento de 1890. Nesse, então, a História foi incluída no 5º ano de curso geral - das três Armas - com a designação geral de Tática, Estratégia e História Militar, especialmente do Brasil. Na Escola Superior de Guerra, então criada, nada havia a respeito. (AZEVEDO, 1998, p. 33).

Quem corroborou as reflexões de Cordolino foi o General Tasso Fragoso, que foi aluno da Escola Militar na década de 1880. Tasso Fragoso relatou na sua primeira obra de História Militar, a deficiência em relação aos assuntos históricos, principalmente, aos que competem a História do Brasil:

Logo que aos primeiros passos de minha vida como oficial do exército, senti com mágoa a deficiência de minha preparação histórica. Reconheci sem demora não só que me falecia em geral o conhecimento dos fastos da Pátria, mas sobretudo o de seus grandes eventos militares. [...] E por que seria a História Militar do Brasil tão descurada na antiga Escola da Praia Vermelha, quando ali estanciei durante a melhor quadra de minha vida. (FRAGOSO, 1922, p. 6).

No entanto, o próprio autor, ao buscar a explicação para este questionamento, encontra resposta nos movimentos filosóficos que de, uma forma ou de outra, influenciava nos currículos da Escola Militar e diminuiu a importância da participação da História Militar na formação do oficial:

Nos anos anteriores ao advento da República havia se arraigado no espírito de muitos, a falsa ideia de que a democracia verdadeira e a fraternidade real entre os povos, deviam fundamentar-se no esquecimento e até na maldição de certos fatos do passado. Daí o estado de alma da geração militar a que pertenci e do meio que preparava. Neste ambiente havia um temor de falar em guerras na presença dos moços. (FRAGOSO, 1922, p. 7)

Era a filosofia positivista e o evolucionismo que “*empolgou lentes e alunos, inspirando novas concepções de currículo e de programas de ensino*”. (MOTTA, 1998, p. 146). Assim, o envolvimento no movimento abolicionista e, sobretudo, no republicano desviou a atenção dos problemas relativos à formação do oficialato na Escola Militar da Praia Vermelha<sup>4</sup>.

Outro problema que atingiu o ensino de História Militar na Escola foi apontado também por Cordolino. Segundo esse autor, existia a tentativa de estabelecer um vínculo entre a História Militar e o estudo da estratégia e da tática. O cuidado do autor em diferenciar a História Militar dos estudos vinculados a Estratégia e da Tática se encontram nas páginas iniciais do seu escrito.

Mas, se no estudo da História, cuidar o professor da indagação apenas dos ensinamentos militares decorrentes, pode-se chegar ao excesso de transformar esse estudo em um curso de Estratégia ou de Tática. Reagindo contra esse outro excesso, cabe ao professor orientar o ensino de modo que, ao expor o encadeamento dos fatos e suas consequências, não se aventure em edificar sobre as conclusões de suas lições qualquer doutrina tática ou estratégica. No caso, agirá erradamente, pois lida com estudantes dando os primeiros passos na carreira militar. A atuação do professor sobre o espírito do aluno, no ponto de vista tático, deverá ser grande, de certo, mas sempre indiretamente, não tendo esse ponto de vista como objetivo. (AZEVEDO, 1998, p. 31).

A posição do Coronel Cordolino, traduz a preocupação, de não transformar a disciplina de História Militar em análises de batalhas, onde se procura desenvolver apenas os conceitos estratégicos e/ou táticos. Da mesma forma que a filosofia positivista, a união de História Militar com análises mais próprias da profissão militar, segundo Cordolino, foram responsáveis por certo desprestígio do estudo desta disciplina no curso de formação na Praia Vermelha, entre a década de 1870 e os primeiros anos do século XX.

Desse modo, são assinalados dois problemas que fizeram o declínio do ensino da História Militar na escola de formação durante o Império e início da República: fatores externos em que o ensino militar se viu envolvido por conta da sua orientação pedagógica (inclinação para as ciências exatas e o positivismo), e a união dos conteúdos de História Militar com os estudos de Estratégia e de Tática.

Dificuldades estas que, ao que tudo indica, começaram a ser resolvidas nas primeiras décadas do século XX.

<sup>4</sup> Sobre o assunto: CASTRO, Celso. Os Militares e a República. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1995. Também: LOBATO FILHO, General. A última noite da Escola Militar da Praia Vermelha. Rio de Janeiro: BIBLIE, 1992.

O fechamento da Escola da Praia Vermelha em 1904 e os novos regulamentos, editados entre 1905 e 1919, reformaram o ensino militar, com o objetivo de “*acabar com o bacharelismo militar*” (MOTTA, 1998, p. 232). Estas ações conseguiram impor uma formação técnico-profissional no curso da Escola Militar e, em parte, conter o engajamento político dos alunos da escola<sup>5</sup>.

Já a solução do conflito entre História Militar e os conteúdos que seriam próprios do ensino da Estratégia e de Tática demonstrou ser um problema mais complexo. Por certo, fez parte da rotina do Coronel Cordolino, nos seus anos de trabalho na Escola Militar do Realengo. Ao que tudo indica a fonte deste conflito estava em alguns aspectos das orientações e práticas produzidas pela influência da Missão Militar Francesa.

A entrada da Missão Militar Francesa na Escola, a partir do ano de 1924, marcou um novo período na formação do oficial combatente e deixará profundas marcas na mentalidade do Exército Brasileiro do século XX. No entanto, no que se refere ao curso de História Militar, Cordolino faz algumas ressalvas. A primeira, em relação ao escasso conteúdo atinente à História Militar do Brasil e, a segunda, sobre os conteúdos de Tática e Estratégia que dominam o ensino da História.

Para o Ensino de História Militar, o regulamento editado em 1924, sob os auspícios da Missão Militar Francesa prescreve que: “*o professor escolherá duas ou três guerras modernas e as estudará em suas linhas gerais, com o fito de mostrar aos alunos como o futuro dos povos depende da organização militar existente no tempo de paz*”. (MOTTA, 1998, p. 273). Cordolino ao escrever na década de 1940, fez referência a essa orientação do currículo, e adverte ao que entendia como uma falha no regulamento francês: “*É de notar-se aqui a restrição imposta pelo regulamento de 1924 ao curso de História: só se devia estudar uma única campanha do Brasil em cada ano, enquanto se devia estudar várias de Napoleão e outros povos*”. (AZEVEDO, 1998, p. 35).

Defensor dos episódios da História Militar do Brasil e do seu ensino durante o curso de formação, Cordolino buscou implantar os conteúdos da disciplina na Escola Militar. Seu esforço foi reconhecido por antigos companheiros que escreveram, no ano de 1949, a apresentação de seu livro:

É de frisar, e o fazemos com dever de indeclinável justiça, que fostes o primeiro professor da Escola Militar a introduzir no programa da cadeira o ensino completo de toda a História Militar do Brasil, quando,

<sup>5</sup> Ver MOTTA, 1998, especialmente o capítulo 5: A Era do Realengo.

até então, este estudo se limitava apenas ao da Guerra do Paraguai e esta mesmo dada somente em uma única aula. (AZEVEDO, 1998, p. 10).

Assim, o Coronel Cordolino buscou estabelecer, o que até então não havia ocorrido, um curso completo dos episódios de História Militar brasileira, o que atendeu às aspirações produzidas pelo general Tasso Fragoso no início da década de 1920. Contudo, isso ocorreu aos poucos, e consolidou-se, sobretudo, após o término da influência francesa na Escola Militar do Realengo. Mesmo assim, Cordolino (AZEVEDO, 1998, p. 34), faz uma ressalva, pois critica o regulamento de 1942, por ater-se o estudo da História, “inexplicavelmente, apenas ao limitado campo da História Militar do Brasil”. Assim, faz também uma crítica aos excessos das mudanças que frequentemente ocorriam no ensino militar.

Com relação ao segundo ponto, ou seja, os conteúdos de Estratégia e Tática, a crítica aos regulamentos franceses, aparece de forma indireta nas palavras de Cordolino.

Um exemplo, do modelo francês, aparece em um pequeno livro, com edição em 1934, mas fazendo referência na capa ao Curso de História Militar (ano de 1932). Este livro foi escrito pelo Diretor do Ensino Militar que, na época, era um membro da Missão Militar Francesa na Escola Militar do Realengo<sup>6</sup>. Sendo um estudo pormenorizado de uma batalha da Primeira Guerra Mundial, este livro reflete o que Cordolino considera ensinamentos para um curso a parte, “com programas e professores próprios”. (AZEVEDO, 1998, p. 31). Portanto, ao se comparar os escritos do Coronel Cordolino, com a obra do oficial francês, percebe-se que a crítica aos ensinamentos de Estratégica ou Tática estão na amplitude com que se estudava uma campanha. Para Cordolino o estudo na escola de formação seria apenas das campanhas militares, não se aprofundando em estudo analítico das batalhas.

Ao escrever sobre o que parece ser o primeiro regulamento da Escola Militar em Resende, publicado no ano de 1944, exalta o retorno da História Militar ao que indicava os princípios imediatamente anteriores à influência da Missão Militar Francesa de Instrução:

[...] E surge com independência e autonomia imprescindíveis a assunto de tanta monta. Descartando-se de seus apêndices – Tática e Estratégia – não obstante suas afinidades, retoma o lugar que lhe cabe na formação da cultura do oficial, pois, sendo rica de casos concretos, ela pode dar ao jovem estudante o senso tático indispensável,

surgindo de maneira indireta, pelo estudo dos fatos de guerra no seu encadeamento lógico e nas consequências essenciais. (AZEVEDO, 1998, p. 34).

Entretanto, a Missão Militar Francesa de Instrução estimulou uma prática que já fora incluída no primeiro estatuto que regulou o ensino militar, isto é, do decreto de 1810: entre as incumbências do professor cabia-lhe escrever um compêndio do conteúdo ensinado em sala de aula. Segundo Jehovah (MOTTA, 1998, 274-275), um dos poucos professores que atenderam a esta solicitação foi o Coronel Cordolino que, por certo, escreveu e distribui suas notas de aula durante seu período de docente da Escola Militar e que irá se traduzir nos livros editados em 1950<sup>7</sup>.

Ao que tudo indica, graças a esta determinação, as notas de aula do Coronel Cordolino, bem como as do Tenente-Coronel Langlet, são preciosas informações, que se dispõe atualmente, sobre os conteúdos que se ministravam a respeito de História Militar antes de 1950.

O professor e Coronel Pedro Cordolino deixa a cadeira de História Militar em meados da década de 1940 e, ao ver pelos seus escritos estava convencido de que o último regulamento, o primeiro da nova Escola Militar, na cidade de Resende, deixava os conteúdos da disciplina em sintonia com o que preconizava ser importante na formação do jovem oficial:

Filiando-se realmente a esse programa de ensino, cumprindo-se as determinações acima, fazendo-se História na aula e não um curso de tática, despertando-se no cadete o interesse para se aprofundar no estudo dos casos concretos de que a História é vasto celeiro, estudando-se o chefe, o terreno, o equipamento bélico, procurando-se ligar os acontecimentos de modo a serem postos em evidência os laços táticos que promanarem dos recontros de uma mesma época, preparando-se o espírito para o estudo da guerra seguinte com o natural evoluer dos meios e processos de combate em uso e fazendo-se sentir a constância dos princípios de guerra e a variedade dos métodos de combate, bem terá o professor cumprido o seu dever e o resultado será o desejo do jovem oficial de dedicar-se, com proveito para si e para a classe, ao estudo da História Militar. (AZEVEDO, 1998, p. 35).

Por certo, o programa de História Militar do primeiro regulamento da Escola Militar em Resende, possui influência de Cordolino. Assim, ao deixar de lecionar no curso de formação de Oficiais do Exército Brasileiro, celebra a volta da História Militar aos preceitos contidos no Estatuto de 1810.

<sup>6</sup> LANGLET, Ten Cel P. Batalha de St. Quentin-Guise (Grande Guerra – Ago de 1914). Rio de Janeiro: Leuzinger S.A., 1934.

<sup>7</sup> Ver nota de rodapé número 1.

Em resumo, a História Militar ministrada no curso de formação de oficiais combatentes pretendia, para o antigo professor, iniciar o aluno nos estudos das campanhas militares representativas da antiguidade aos tempos contemporâneos. E, desta maneira, concluir sobre a importância da organização militar, da evolução tática e dos processos de combate sob o impacto da evolução do armamento. Ainda, extrair desse estudo o valor do chefe militar e os princípios fundamentais da guerra, bem como estimular os alunos ao estudo contínuo, que visava a contribuição das suas pesquisas para a evolução da arte da guerra. Assim, de uma forma geral, ficou definido o curso de História Militar na AMAN, entre os anos de 1944 e 1959.

Particularmente, até os dias atuais o ensino da História Militar segue, em linhas gerais no que diz respeito aos conteúdos, o que foi prescrito por Cordolino. Em um exame rápido no Plano de Disciplinas (PLADIS), utilizado a partir de 2008, nos seus objetivos particulares das disciplinas que compõem a cadeira de História Militar, isto é, Geral e Brasil, percebe-se este fato<sup>8</sup>. Para tanto, aos conteúdos anteriores, foram agregados os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, inclusive, aos nossos dias. No entanto, os objetivos do curso continuam os mesmos e correspondem a importância que o estudo de História Militar, atualmente, possui na formação dos oficiais combatentes do Exército.

### 3 O ENSINO DE HISTÓRIA MILITAR DE 1960 AO INÍCIO DO SÉCULO XXI

Após a Segunda Guerra Mundial é consenso, entre os pesquisadores, a manifesta influência norte-americana nas instituições militares brasileiras. A

Escola de Comando e Estado-Maior (ECEME), sob a inspiração, principalmente, do marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, desempenhou um papel importante na difusão do novo pensamento militar<sup>9</sup>. Oficiais que realizaram o curso de Estado-Maior foram os difusores desse pensamento. Dentro dessa nova fase, a História Militar, ganhou prestígio. A partir da década de 1950, oficiais com curso de Estado-Maior, passaram a ser nomeados instrutores da disciplina, sendo privativo o de instrutor-chefe para os oficiais do QEMA (Quadro de Estado-Maior). A partir de então, os professores da Cadeira de História Militar, serão designados instrutores.

Nesse contexto, encontrou-se à frente da Cadeira de História Militar entre os anos de 1958 e 1963, o Coronel Francisco Ruas Santos. Nesses anos foram sistematizados os conteúdos da disciplina de História Militar em um plano de livros-texto, com 17 volumes abrangendo os planos e operações de guerras, desde a antiguidade até a Guerra da Coreia (1950-1952). A coleção, publicada pela Editora Acadêmica (gráfica da própria AMAN), tinha cerca de 2.500 páginas e cerca de 600 mapas. (Santos, 1998, p. 15 – 16). Um amplo estudo das principais campanhas militares da História. Ao que tudo indica esses livros-texto, foram reunidos, por Ruas Santos, em um ensaio em dois volumes, que será utilizado pela cadeira de História Militar da AMAN, após a saída do autor até o fim da década de 1970. Esse ensaio foi publicado, em apenas um volume, no ano de 1998, pela Editora do Exército (BIBLIEx) com o título de “*A Arte da Guerra*”.

No plano de apresentação de estudos, o coronel Ruas Santos faz menção a outras obras que poderiam ser utilizadas pelos cadetes, tais como: “*O Brasil na II Grande Guerra*” do Tenente-Coronel Manoel Tomás Castelo Branco; e dois livros do Coronel João Batista Magalhães, “*Civilização, Guerra e Chefes Militares*” e “*Evolução Militar do Brasil*”. (Santos, 1998, p. 15 – 16).

Neste período também foram publicados, sob a responsabilidade do Coronel Ruas Santos, juntamente com a disciplina de Geografia, na forma de livros-texto, estudos sobre os principais Estados da época, pois “*a preocupação maior dos professores de História Militar na elaboração desses trabalhos de equipe tem sido a de dar uma ideia sintética daqueles aspectos, desde o início da História de cada Estado até os nossos dias*”. (Santos, 1998, p. 17). Esse programa, elaborado a partir da década de 1960, dividiu a História Militar em dois conteúdos distintos até o fim da década de 1990, em que em um ano se estudará os conteúdos

<sup>8</sup> História Militar do Brasil - Objetivos Particulares da Disciplina no Curso – PLADIS 2008

- Descrever a evolução social brasileira, à luz da História Militar do Brasil.
- Distinguir a importância do culto às tradições militares brasileiras.
- Demonstrar interesse e atitudes favoráveis ao estudo e à pesquisa da História Militar do Brasil.
- Aplicar os conhecimentos adquiridos em prol do desenvolvimento do pensamento militar nacional.

História Militar Geral - Objetivos Particulares da Disciplina no Curso – PLADIS 2008

- Identificar a base de conhecimentos sobre a evolução social à luz da História Militar.
- Explicar os fundamentos e princípios da arte da guerra.
- Propor contribuições para o desenvolvimento do pensamento militar nacional.

Disponível em: [http://www.aman.ensino.eb.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=44&Itemid=100](http://www.aman.ensino.eb.br/index.php?option=com_content&task=view&id=44&Itemid=100)

Obs: foram suprimidos os objetivos concernentes a área afetiva, conhecidos com objetivos integradores.

<sup>9</sup> Conforme PERES, Carlos Roberto; CÂMARA, Hiram de Freitas (Orgs.) ECEME a Escola do Método: um século pensando o Exército. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 2005.

de História Militar propriamente dito, e no outro ano, os estudos vinculados a história das grandes nações (Império Britânico, EUA, URSS), áreas de conflitos (Oriente Médio) e independência dos países da América do Sul. Nas palavras de um instrutor da última década do século XX, estes assuntos eram conhecidos como um curso de geo-história. Sendo o termo sufixo “geo”, correspondia a uma “geografia política”<sup>10</sup>.

O trabalho realizado entre os anos de 1959 e 1961 foi uma obra conjunta dos oficiais da Cadeira de História Militar, sob a chefia do Coronel Ruas Santos, portanto, foi o que mais atendeu a determinação contida no primeiro regulamento da Academia Militar e reforçada pela Missão Militar Francesa de Instrução, na década de 1920, ou seja, a necessidade do professor de escrever compêndios. No entanto, Ruas Santos, procurou enfatizar o caráter “artesanal” do trabalho desenvolvido naqueles anos:

Por fim, deve ser registrado que todos os trabalhos de História Militar aqui mencionados e feitos pela Seção de História Militar da Academia, entre 1959 e 1962, são calcados na bibliografia que apresentam. Em muitas de suas partes nada mais são do que traduções ou adaptações de passagens de livros compulsados. O único crédito do autor terá sido o de concatenar, traduzir ou adaptar textos, elaborar mapas e arranjar figuras para ilustrar os textos. (SANTOS, 1998, p. 18).

A elaboração dos textos procurava atender ao programa de História Militar da AMAN, que certamente personificava um programa desenvolvido a partir dos instrutores oriundos do Quadro de Estado-Maior. Nada é mencionado em relação aos franceses na Escola Militar, ou ainda, às notas de aula do coronel Cordolino. Mas isso não significou, necessariamente, um rompimento total, com os trabalhos desenvolvidos pelos professores do período anterior a 1950.

Os conteúdos relativos à História das nações mais importantes visavam “preencher uma lacuna sensível na formação dos futuros oficiais, em sua maior parte oriundos das Escolas Preparatórias, onde não se estudavam a História Geral e a Geografia Geral”. (SANTOS, 1998, p. 18). Já os conteúdos mais voltados a História Militar eram os mesmos, estudo das campanhas e o desenvolvimento da “arte da guerra”. O que mudou nos escritos de Ruas Santos em relação ao período anterior foi o que Jehovah Motta (1998, p. 297) notou ao perceber, mesmo antes da Segunda Guerra, “um certo modo de fazer e de dizer tipicamente americano”. Esta influência como já

visto, acentuou-se na década de 1950. Os escritos do Coronel Ruas Santos, resumidos no livro “A Arte da Guerra” demonstram uma preocupação com uma nova didática. Os conteúdos são os mesmos que a época anterior, o que mudou foi forma de apresentá-los.

Um exame superficial entre as duas obras que estão sendo trabalhadas no presente trabalho podem refletir a nova concepção didática.

No livro do Coronel Cordolino “História Militar” são dezessete capítulos ao longo de 306 páginas. Já “A Arte da Guerra” do coronel Ruas Santos são 378 páginas, 23 capítulos, mas divididos em subcapítulos, nenhum atingindo mais de 05 páginas. Somente o sumário ocupa 08 páginas, tal a preocupação com a síntese para melhor compreensão por parte do aluno<sup>11</sup>.

Esta preocupação com o desempenho e o aprendizado do cadete foi uma preocupação constante do Coronel Ruas Santos. O volume de material didático colocado a disposição do cadete excedia em muito os anos anteriores. Para tanto, foram elaborados dois livros-texto sobre pesquisa e estudo em História Militar para auxiliar nos “trabalhos de análise e síntese, que os cadetes são chamados a realizar em suas atividades no curso de História Militar”. (SANTOS, 1998, p. 17). O primeiro, lançado em 1961, se chamou “Teoria e Pesquisa em História Militar” e o segundo “Guia para o Estudo da História Militar do Brasil”, que foi elaborado e editado em 1963, pela Seção de História Militar (SANTOS, 1998, p. 17 e 19). Estes dois livros, ao que tudo indica não foram publicados fora da AMAN, ainda sendo inéditos ao grande público<sup>12</sup>.

No livro “Teoria e Pesquisa em História Militar”, Ruas Santos procurou apresentar uma metodologia para expor a disciplina de História de forma científica. Para tanto baseou seus escritos no livro de José Honório Rodrigues “Teoria da História do Brasil: introdução metodológica”, editado em 1949. O trabalho do Coronel Ruas Santos está dividido em três capítulos, cada qual com inúmeros subcapítulos, dando à obra

<sup>11</sup> O coronel Cláudio Moreira Bento em sua obra (BENTO, 1999, p. 4-30), se refere a uma carta do Ten-Cel Henrique Wiedersphan nos seguintes termos: “O missivista, contemporâneo do General Cordolino, considera injustiçado como historiador e vítima de uma conspiração do silêncio: parece haver uma restrição a maneira como ele redigia seus trabalhos. Talvez, por colidirem de certo modo, com as diretrizes da Missão Francesa da época, anteriores à 2ª Guerra Mundial e por esta modificadas em sua essência pelos acontecimentos de 1940, sob ponto de vista doutrinário”. O coronel Bento referindo-se ao professor Cordolino, ainda escreve: “Até hoje, parte dos seus estudos infra-estruturam o ensino de História Militar na AMAN. Sua história era descritiva”.

<sup>12</sup> No final da década de 1970 o Coronel Cláudio Moreira Bento publicou, ao que tudo indica, grande parte das pesquisas do Coronel Ruas Santos no Manual “Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro”. Para o presente trabalho será utilizado a segunda edição do Manual, a de 1999.

<sup>10</sup> Informação prestada ao autor pelo Cel Da Cás, instrutor da Cadeira de História Militar na década de 1990.

forma de manual, ou seja, mais uma indicação da influência norte-americana. O primeiro capítulo trata sobre noções de teoria da História, especialmente da História do Brasil; o segundo, da Teoria e pesquisa em História Militar, especialmente do Brasil e; o terceiro capítulo, ocupando a maior parte, aborda a História Militar, seus conteúdos e seus objetivos como disciplina, na AMAN.

Assim Ruas Santos, procurou embasar cientificamente seu trabalho e, a partir de então, elaborar uma teoria sobre a História Militar que seria adequada para o estudo na AMAN. Sobre a História Militar, entendida como um campo da História, o autor sintetiza:

Tem devorado (a História Militar) grande parte da História Política, sendo talvez por isto que até hoje não se constituiu numa verdadeira especialidade. De regra, a História Militar se enquadra na historiografia pragmática, pois serve de base à instrução, seja porque é em suas conclusões que se apoiam os manuais, seja pelo papel que desempenha na formação e no aperfeiçoamento profissional dos oficiais. (SANTOS, 1961, p. 37).

Neste ponto, o coronel Ruas Santos é coerente com a teoria sobre o declínio dos estudos historiográficos sobre política, pois segundo o professor D'Assunção:

Objetos da História Política são todos aqueles que são atravessados pela noção de “poder”. Neste sentido, teremos de um lado aqueles antigos enfoques da Historiografia política tradicional que, apesar de terem sido rejeitados pela historiografia mais moderna de a partir dos anos 1930, com as últimas décadas do século XX começaram a retornar com um novo sentido. (Barros, 2002, p. 107).

O Coronel Ruas Santos se filia a uma historiografia mais tradicional, bastante coerente com a sua época. Mostra afinidade com as teorias mais divulgadas no Brasil, da História em seu período e, a partir dessas teorias, verificou a necessidade de uma construção teórica e metodológica para uma História Militar do Brasil, ou ainda, uma história do Exército Brasileiro<sup>13</sup>. Afinal, para Ruas Santos, a História Militar possui uma função pragmática ou didática, onde o historiador tem a preocupação de extrair os ensinamentos dos fatos que apresenta (SANTOS, 1961, p. 2). Portanto, tanto na formação como no aperfeiçoamento do oficial, os conhecimentos transmitidos se fazem necessários ao desempenho das suas funções profissionais (Idem, p.67).

Para tanto era necessário o desenvolvimento de uma História Militar do Brasil e, mesmo, do Exército. Após verificar como países como os Estados

Unidos e a França resolveram seus problemas neste campo, examinou os problemas que existiam para o desenvolvimento neste campo no Brasil:

Na verdade, examinando-se mais de perto o problema da elaboração da História Militar do Brasil temos a prova evidente de que o Exército não dispôs, até aqui, dos meios necessários para essa elaboração, em particular pela falta de preparo metodológico da parte daqueles que por gosto, ou funcionalmente, quiseram ou viram-se obrigados a resolvê-lo.

É preciso reconhecer, entretanto, que essa deficiência é um reflexo da situação geral da História Geral do Brasil, cujos problemas básicos também não estão resolvidos, embora já equacionados.

Nessas condições, é de se esperar que, com um maior desenvolvimento dos estudos históricos no Brasil, a nossa História Militar disso venha a se beneficiar-se. (SANTOS, 1961, p. 66).

O Coronel Ruas Santos aponta a carência no preparo metodológico, como resultado de uma causa conjuntural, ou seja, a falha, no Brasil, se encontra no estágio de desenvolvimento da História enquanto ciência. Da mesma forma, sugere que esses problemas já podem ser resolvidos, possivelmente referindo-se a formação dos cursos nas Universidades. Portanto irá apontar soluções inovadoras para que o Exército acompanhe a evolução da disciplina:

De qualquer modo, o estágio de alguns oficiais nos centros em que tais estudos se realizam seria altamente benéfico para a nossa História Militar.

Outra maneira de se melhorar a conjuntura é ministrando pelo menos algumas noções de metodologia na Academia Militar das Agulhas Negras e na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. (SANTOS, 1961, p. 66-67).

Duas soluções foram assinaladas, por Ruas Santos, para atender as necessidades do preparo metodológico do pessoal para trabalhar com a História Militar: o estágio de oficiais em instituições e, ministrar, nos dois principais estabelecimentos de ensino do Exército, fundamentos, do que se conhece hoje, por teoria e metodologias científicas, principalmente no campo da História.

No Capítulo 3, o Coronel Ruas Santos estabelece, para os cadetes, o que seria o curso de História Militar na AMAN, com relação à teoria e a pesquisa. Ao concluir o item “utilidade da História Militar” estabelece que:

A História Militar no seu aspecto puramente informativo esclarece-nos quanto a fatos do presente. Na sua função educativa, didática ou pragmática, a História Militar, de modo muito particular, desperta o entusiasmo que beneficiam a formação do espírito militar, e contribui decisivamente para

<sup>13</sup> Desse projeto resultou a História do Exército Brasileiro – Perfil militar de um povo. Obra editada, em 1972, sob os cuidados do Estado-Maior de Exército (EME).

solidificar e ampliar os fundamentos dos nossos conhecimentos profissionais. Como fator de compreensão do presente, a História Militar permite reviver as experiências do passado transformadas em princípios, normas e processos contidos nos nossos manuais, isto é, da vivência presente aquilo que ela mesma produziu. [...] Em síntese, a História Militar é a verdadeira base de conhecimentos profissionais do oficial e, como este tem que ampliá-los sempre, a História Militar forma o alicerce sobre o qual lança as novas construções de seu saber profissional, até o fim da sua carreira militar. (SANTOS, 1961, 79-80).

No mesmo capítulo estrutura o programa e o método do que irá se estudar na História Militar da AMAN. E será reproduzido em vários polígrafos durante décadas. Os principais conceitos que fazem parte, ainda hoje, do que se preceitua como fundamentos da Doutrina Militar, foram introduzidos ou aprofundados por Ruas Santos. Os princípios de guerra, os fatores da decisão, a manobra e seus elementos, aparecem em definições claras e objetivas e, em última análise, representaram a sistematização dos métodos de estudos que foram produzidos na ECEME e que foram intencionalmente introduzidos na AMAN. Assim se estabeleceu um método de ensino e aprendizagem de História Militar próprio que, paulatinamente, irá se afastar do contexto geral da evolução da disciplina de História.

O que provocou este afastamento? Por um lado, foram circunstâncias políticas que se estabeleceram na década de 1960, decorrentes de um modo geral da “Guerra Fria”, dos regimes impostos na América do Sul e, mais particularmente no Brasil, do regime pós-1964. Por outro lado, a disseminação do materialismo histórico, e uma das suas principais correntes, o revisionismo das décadas de 1960 e 1980, que produziu uma historiografia voltada para a denúncia. Um exemplo típico desta época, onde o momento político influi diretamente na construção do conhecimento, é a historiografia sobre a Guerra do Paraguai, tal como informou o professor Doratioto:

Uma das formas de combater essas ditaduras era desmoralizar seus referenciais históricos, seus ídolos – na Argentina, Mitre; no Brasil, o duque de Caxias – e seus alicerces ideológicos. Daí o espírito acrítico com que o mundo acadêmico aceitou e reproduziu, naquele momento, publicações “revisionistas” sobre a Guerra do Paraguai, que mistificaram Solano López e responsabilizavam o imperialismo britânico pelo conflito. (DORATIOTO, 2002, p. 20)

Essas foram alguns fatores que provocaram um distanciamento, entre a evolução do conhecimento histórico produzido nos centros universitários e a História Militar. Esta ficou sendo um campo quase

restrito a pesquisadores militares que não possuíam uma formação acadêmica e não acompanharam o desenvolvimento das teorias e metodologias da História. Portanto, ficaram restritos a uma historiografia tradicional, que vinculou a uma história narrativa, ou ainda, com as informações de uma teoria da história vinculadas a escola metódica ou científica. Ainda, a historiografia produzida dessa forma ficou restrita aos Institutos de Geografia e História, como um dos únicos círculos de divulgação.

O isolamento da disciplina de História Militar na AMAN em relação às teorias e metodologias produzidas a partir de 1960, e as introduções sistemáticas de instrutores oriundos do QEMA produziram uma História Militar que tinha por finalidade a análise das campanhas “segundo metodologia e a luz dos conceitos de Arte e Ciência militar, em ensinamentos didáticos e subsídios para o desenvolvimento da Doutrina do Exército”. (BENTO, 1999, p. 2- 9). Desta forma, os conteúdos do curso de História Militar na AMAN permaneceram, praticamente, cópias do que foram produzidos por Cordolino e por Ruas Santos. O que se alterou foi a didática e o objetivo dos estudos, cada vez mais vinculados aos processos oriundos da ECEME, pois o termo “doutrina militar” começou a aparecer nos escritos.

Ao que tudo indica, até o ano de 1977, não foram produzidas mudanças significativas. Os livros-texto concebidos por Ruas Santos, de uma forma ou de outra, ainda estavam sendo distribuídos aos cadetes. Naquele mesmo ano foi publicado um documento para orientar as atividades de História no âmbito do Exército (BRASIL, 1977). Foi um documento de caráter geral, pois não estabeleceu nenhuma ação concreta, mas servirá de instrumento para mudanças na Cadeira de História Militar. A diretriz publicada pelo Estado-Maior do Exército estabeleceu que os estudos de História Militar seriam realizados, no âmbito do Exército em três níveis, que corresponderiam as três escolas: AMAN, EsAO e ECEME que, respectivamente, formam, aperfeiçoam e preparam para o exercício do comando os Oficiais combatentes do Exército. Para a AMAN corresponderia:

Nesse nível, deverão ser realizados estudos gerais das principais campanhas militares e batalhas ocorridas no passado que permitam ao futuro oficial: 1) entender a íntima relação existente entre a História Militar, de um lado, e a História Geral, a Geografia e a Ciência e Tecnologia de outros; 2) apreciar as virtudes e as qualidades de liderança dos chefes militares do passado, especialmente os brasileiros.

A partir desse documento, no ano de 1978, foi



realizada uma nova estruturação do material didático distribuído anualmente aos instruídos. Uma comissão foi nomeada para revisar os aspectos de História Militar. Esse grupo de Oficiais, todos do QEMA, elaborou um “ensaio” onde procurou condensar as inúmeras apostilas que foram produzidas anteriormente, pois: “*O presente ensaio – História da Doutrina Militar – traduz pesquisas que vêm sendo realizadas há mais de 50 anos pela Cadeira de História Militar das Agulhas Negras*” (AMAN, 1979, p. 5). Portanto, o ensaio é um resumo dos livros-texto elaborados, na década de 1960, pela equipe do coronel Ruas Santos e atende, em um primeiro momento, a uma necessidade. No entanto, traduziu a influência e o prestígio constante que os oficiais de Estado-Maior trouxeram para a cadeira de História Militar na AMAN, o que provocou mudança significativa na metodologia.

Em um primeiro momento, havia uma necessidade na AMAN de reduzir significativamente o volume de documentos editados. Os livros-texto produzidos anualmente pela Cadeira, durante a década de 1960, já estavam sendo publicados nos anos iniciais da década de 1970, a cada três anos, devido ao custo do papel. Portanto, a solução seria produzir um material didático permanente, necessidade esta a que o ensaio de “História da Doutrina Militar” veio atender. Essa percepção fica mais contundente com a indicação do Atlas Histórico Escolar editado pelo MEC. (AMAN, 1979, p. 5).

Em um segundo momento, ficou nítido a participação efetiva dos oficiais de Estado-Maior na concepção de uma História Militar para a AMAN. Na página anterior a da “apresentação”, foram transcritas três citações: uma sobre o estudo de História Militar, retirada do Manual Básico da ESG (Escola Superior de Guerra); outra da Portaria Nr 61 do EME, já citada anteriormente; e, por fim o conceito de Doutrina Militar, retirada do Manual de Campanha C 20-230 do EME. (AMAN, 1979, p. 3). Isso representa o direcionamento que foi estabelecido para os conteúdos de História Militar. O capítulo 5 do referido ensaio faz referência ao processo de ensino que “*baseia-se na exploração e análise de casos históricos à luz dos fundamentos da Arte da Guerra a seguir enumerados*”. Após, foram estabelecidos os conceitos de Doutrina Militar, Fatores da Decisão Militar, Fator Militar, Princípios de Guerra e seus elementos e, por último a Manobra e seus elementos. (AMAN, 1979, p. 155 - 163).

Não são conceitos complexos, são simples. De forma alguma, foi novidade, pois nas notas de aula do coronel Cordolino, já se mencionava o estudo dos Princípios de Guerra e ordem das tropas em campo

de batalha. No entanto, as alterações trouxeram a conexão entre o estudo de todo os conteúdos e os “processos de ensino”. Procurou-se estudar a história dentro dos elementos da doutrina militar, conceitos elaborados também no ensaio. Foram transcritas duas provas, ao que tudo sugere, aplicadas aos cadetes no ano de 1978, nas quais se percebe nitidamente a metodologia, voltada para o estudo da análise dos aspectos referentes à doutrina militar e ao estudo das batalhas. (AMAN, 1979, p. 181 – 194).

A partir de então, a História Militar da AMAN ficou vinculada a esta metodologia de ensino. A comissão irá concluir por chamar o ensaio de, “*com mais propriedade de História da Doutrina Militar, em substituição ao título anterior Evolução da Arte da Guerra*”. (AMAN, 1979, p. 198). Não era apenas uma mudança de nome, mas sim uma ruptura. Não se tratava mais de uma história ligada aos conceitos historiográficos, mas sim subordinada a aprendizagem dos conceitos básicos de fundamentos da doutrina militar, tal como, estudada na ECEME. Sob os auspícios da comissão, foram publicados mais três livros para completar a coleção, com a finalidade de produzir material didático permanente para os cadetes. Gerações de oficiais passaram pela cadeira de História Militar e utilizaram os famosos “livros de Capa azul”, pois foram utilizados até o fim da década de 1990.<sup>14</sup>

Um dos oficiais da comissão destacou-se na produção e divulgação de pesquisas em História Militar: o coronel Claudio Moreira Bento. Esse oficial iria se destacar, sobretudo, após sua passagem para a reserva, no papel de divulgador e incentivador de uma mentalidade de estudo e pesquisa da História Militar de diversas instituições militares. Seu órgão de divulgação, fundado por ele mesmo, é a Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Na segunda metade da década de 1990, surge no Exército Brasileiro o processo de “modernização do ensino”. Esse projeto, foi planejado pelo órgão de direção setorial responsável pela política de ensino no Exército Brasileiro, teve por objetivo rever as práticas pedagógicas, os processos de ensino e, sobretudo, aperfeiçoar o sistema de ensino “*que lhe permitam fazer frente, em melhores condições, aos desafios do futuro, no qual, mais do que nunca, a Educação exercerá papel preponderante*”. (BRASIL, 1996, p. 2). Na AMAN, os trabalhos do processo de modernização do ensino foram estabelecidos a partir de 1999.

<sup>14</sup> Os livros publicados foram: HISTÓRIA DA DOCTRINA MILITAR (da antiguidade a II GM), AMAN, 1979; História do Brasil – Texto. AMAN, 1979; História do Brasil – Mapas. AMAN, 1979; Revoluções no Brasil após a República. AMAN, 1980.

Foram estabelecidos novos planos de assuntos e os conteúdos de História Militar foram divididos em duas disciplinas. História Militar Geral e História Militar do Brasil, essa pela primeira vez, realmente, com conteúdos próprios onde se destacam a História das instituições militares do Brasil desde o período colonial. Ao lado de novas metodologias baseadas no processo ensino-aprendizagem, o que não é objeto da presente pesquisa, aparece à necessidade de acabar com a chamada “*cultura dos polígrafos, das apostilas, das notas de aula ou, até mesmo, das cópias das transparências*”. (BRASIL, 1996, p. 5). Visando a atender estas necessidades e produzir material didático em forma de livros, foram estimulados alguns lançamentos editoriais pela BIBLIEx, que possuíram o nítido objetivo de suprir a AMAN. Com este intuito, pelo menos quatro livros são publicados no ano de 1998: A evolução militar do Brasil, de João Batista Magalhães; História Militar de Pedro Cordolino de F. Azevedo; A Arte da Guerra de Francisco Ruas Santos e; A formação do Oficial do Exército de Jehovah Motta. Todos os lançamentos são praticamente, reimpressões de edições anteriores. Com exceção de Jehovah Motta, seus autores e conteúdos são conhecidos da disciplina de História Militar da AMAN.

Confirmando as afirmações anteriores o Coronel Sérgio Paulo Muniz Costa, então Instrutor na seção responsável pela História Militar na AMAN, preconizou na apresentação da edição do ano de 1998 da “A Arte da Guerra” do coronel Ruas Santos:

No momento em que a AMAN privilegia a leitura e a pesquisa no processo ensino-aprendizagem, consoante as diretrizes de modernização de ensino, visualizando do preparo do oficial do Exército do século XXI, a obra do coronel Ruas Santos *Arte da Guerra* torna-se acessível aos instrutores e cadetes, quarenta e seis anos depois de ter sido escrita, como fonte abalizada, digna de figurar em planos de disciplinas e referências bibliográficas dos trabalhos de discentes e docentes. (SANTOS, 1998, p. 5).

Desta forma, a História Militar na AMAN entrou o século XXI, buscando retornar as obras, principalmente, dos professores que lecionaram a disciplina, ou mesmo de autores que escreveram, até o início da década de 1860. O estímulo a pesquisa e a produção científica, fundamentos do processo de modernização do ensino, levaram a busca de referenciais de qualidade, e que na sua época, possuíam um rigor acadêmico necessários ao desenvolvimento científico.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História Militar, enquanto disciplina da Academia Militar, passou por inúmeras modificações, mas estas são reflexos das constantes variações na política de ensino no Exército e pela influência a que estas políticas estavam subordinadas. O espaço temporal e a delimitação temática do presente trabalho não comportam tais investigações. Portanto, para um melhor esclarecimento, serão necessárias inúmeras investigações, onde há um campo aberto para novas pesquisas, de nível acadêmico e pós-graduação.

No entanto, a presente pesquisa, averiguou certas influências, debates e, também pessoas, que vão determinar a construção da disciplina de História Militar na escola de formação de oficiais combatentes.

Assim, o despreparo do general Tasso Fragoso, diagnóstico realizado por ele mesmo, na década de 1920, refletem o contexto da sua formação inicial na Escola Militar ao final do Império. As preocupações do professor Cordolino em relação ao ensino de Estratégia e Tática junto com os conteúdos de História Militar, no âmbito da formação, se defrontaram com os preceitos da Missão Militar Francesa. As elaborações sistemáticas de livros-texto e a preocupação com o ensino e a pesquisa do Coronel Ruas Santos, no início da década de 1960, são frutos da influência norte-americana sobre a organização do Exército, após a 2ª Guerra Mundial. A didática e metodologia próprias, implantada no final da década de 1970, refletiu o distanciamento proporcionado, já na década anterior, pela conjuntura político-ideológica brasileira.

Da mesma forma, que superados aquela fase, nos anos 1990, as políticas de ensino visam melhorar os processo de ensino-aprendizagem, as novas metodológicas baseadas no processo ensino-aprendizagem, tendo o aluno como centro desse processo (BRASIL, 1996), determinaram uma aproximação com os pesquisadores de diferentes instituições universitárias. Este foi um caminho aberto e de mão dupla, que se desenvolve atualmente. Muitas instituições abriram linhas de pesquisas que fomentaram trabalhos e revisitaram antigos temas militares por meio de novas abordagens teórico-metodológicos. Construíram também, um espaço teórico para o debate sobre o campo da História Militar enquanto ciência histórica.

As disciplinas de História Militar na AMAN, na primeira década do século XXI, sob o impacto do processo de modernização do ensino, sofreram algumas mudanças, sobretudo, de ordem didático-pedagógicas. Procurou-se implantar novos processos de ensino-aprendizagem com a valorização da pesquisa e técnicas de trabalhos em grupo. Com esse intento, foi substituído o mobiliário de algumas salas de aula, onde as antigas carteiras individuais deram lugar a mesas coletivas de até oito lugares.

Já do ponto de vista teórico-metodológico, na primeira década do século XXI, sob a influência de oficiais formados em cursos superiores de História, manuais foram produzidos substituindo os antigos textos de História Militar. O desafio foi o de ampliar o conceito de doutrina militar, antes restritos a análises de batalhas. Procurou-se assim, perceber o desenvolvimento das instituições militares a partir da organização social, econômica e política, enfim da cultura de uma determinada sociedade. Partindo desses pressupostos, analisar como esta sociedade organizou-se para atender as suas necessidades de defesa, e como contribuíram para a evolução da arte da guerra ou doutrina militar<sup>15</sup>.

Não obstante e, no intuito de conclusão, algumas reflexões podem ser consideradas para manter e ampliar o debate sobre a história militar, enquanto disciplina no curso de formação de oficiais. Para tanto, será relevante apresentar algumas observações que constam de um trabalho de nível doutorado que realizou parte de suas pesquisas na AMAN no ano de 2004.

A tese de doutorado da professora Tânia levanta algumas questões importantes para discussão, principalmente o capítulo quatro (OLIVEIRA, 2005, p. 111-148). O estudo, mesmo não tendo este seu principal objetivo, destacou propriedades, que permaneceram ao longo das décadas, no ensino de História Militar na AMAN e que levantam questionamentos, demandam pesquisas e estimulam debates.

Um dos pontos do referido trabalho destaca a importância da História Militar pela sua vinculação a formação técnico-profissional. A pesquisadora notou que a disciplina não pertenceria ao grupo de disciplinas destinadas à formação superior (acadêmica) do oficial, pois *“podemos designar as disciplinas de História Militar como da área técnico-especializada”*. (OLIVEIRA, 2005, p. 134). Esta é ainda, em grande

parte fruto da orientação metodológica proposta a partir da década de 1970.

Da mesma forma, a professora Tânia observou que os professores, apesar de não serem prioritariamente do Quadro de Estado-Maior, eram todos militares. (OLIVEIRA, 2005, p. 138-139). Esta situação demonstra, ainda, uma forte tendência de ver a História Militar como uma disciplina pragmática e dogmática. Nesse sentido, os ensinamentos do passado serviram para contribuir com os estudos visando a evolução de uma doutrina militar na atualidade. Estas observações revelaram, para a autora, uma filiação dos pesquisadores militares, com uma produção historiográfica mais tradicional. O que afinal os livros publicados pela BIBLIEx, no ano de 1998, são um indício favorável a esta teoria. Arelada a um determinado pragmatismo da História, enquanto disciplina, e certo dogmatismo em relação a transmissão de valores, seriam inclusive impeditivos, segundo a professora Tânia (OLIVEIRA, 2005, p. 147), a presença de civis lecionando História Militar na AMAN.

Desta forma, as observações da professora Tânia, seriam muito mais um ponto de partida do que de chegada, pois abre portas para os debates em torno da disciplina de História Militar da AMAN, frente a novas teorias, enfoques, abordagens e fontes disponíveis. Essas condições levariam, em suma, a maiores reflexões e posicionamento crítico perante a História Militar. Porém, esses são temas para outros trabalhos de pesquisa e, por conseguinte, outras histórias.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Pedro Cordolino F. História Militar. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1998.
- BARROS, José D'Assunção. O campo Histórico. Rio de Janeiro: CELA, 2002.
- BENTO, Claudio Moreira. Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro. Resende: AHMTB, 1999.
- BRASIL. Diretriz para as Atividades do Exército no Campo da História. Portaria Nº 061-EME, de 07 de outubro de 1977.
- CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik. Da história militar à “nova” história militar. In: CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik (Org.). Nova História Militar Brasileira. Rio de Janeiro: Editora FGV/Bom Texto, 2004, p. 11- 42.
- DORATIOTO. Francisco Fernando Monteoliva. Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo. Companhia das Letras, 2002.
- FRAGOSO. Tasso. A Batalha do Passo do Rosário. Rio de Janeiro: Imprensa Militar – EME, 1922
- MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe: comentários de Napoleão Bonaparte. Tradução e notas de Edson Bini. Rio de Janeiro. BIBLIEx. 1998.
- MOTTA, Jehovah. A Formação do Oficial do Exército. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1998.
- OLIVEIRA, Tânia Regina Pires de Godoy Torres de. O Estudo da Guerra e a

<sup>15</sup> As obras produzidas na primeira década do século XXI por integrantes da Cadeira de História Militar foram: 1) GIGOLOTTI, João Carlos Jânio. Estudo de História Militar. Vol. 1 e 2. Resende: AMAN, 2003; 2) SAVIAN, Elonir José & LACERDA, Paulo Henrique. Manual de História Militar Geral. Resende: AMAN/Div Ens, 2008; 3) FARIA, Durland Puppim de. et al. Manual de História Militar do Brasil. Resende: AMAN, 2011.

formação da liderança militar brasileira (1996-2004). Tese de Doutorado. São Carlos: Universidade de São Carlos, 2005.

PERES, Carlos Roberto (Org.). “Da Academia Real Militar à AMAN: dois séculos formando os Líderes e Chefes Militares do Exército Brasileiro. Resende: AMAN, 2011.

RODRIGUES, José Honório. Teoria da História do Brasil: introdução metodológica. São Paulo, IPE: 1949.

SANCHES, Marcos Guimarães Sanches. A Guerra: problemas e desafios do campo de história militar brasileira. In Revista brasileira de História Militar, Rio de Janeiro, Ano I, Nº 01, Abr 2010. <http://www.historiamilitar.com.br/Artigo1RBHM1.pdf>, acessado em 30 de Abril de 2012.

SANTOS, Francisco Ruas. A Arte da Guerra. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1998.

WEHLING, Arno. A pesquisa da História Militar brasileira. In Da Cultura, Rio de Janeiro, Ano I, Nº 1, Jan/Jun 2001.

## Documentos publicados pela Cadeira de História Militar da AMAN

- Evolução da Arte da Guerra. Vol 1. AMAN, 1967.
- FARIA, Durland Puppin de. et al. Manual de História Militar do Brasil. Resende: AMAN, 2011.
- FUNDAMENTOS DA ARTE DA GUERRA. Nota de Aula. Cadeira de História Militar – AMAN, s/data.
- GIGLOTTI, João Carlos Jânio. Estudo de História Militar. Vol. 1 e 2. Resende: AMAN, 2003.
- HISTÓRIA DA DOCTRINA MILITAR (da antiguidade a II GM), AMAN, 1979.
- História do Brasil – Texto. AMAN, 1979.
- História do Brasil – Mapas. AMAN, 1979.
- Revoluções no Brasil após a República. AMAN, 1980.
- PESQUISA HISTÓRICA. Nota de Aula. Cadeira de História Militar – AMAN, s/data.
- SANTOS, Francisco Ruas. Teoria e pesquisa em História Militar. AMAN: Editora Acadêmica, 1961.
- SAVIAN, Elonir José & LACERDA, Paulo Henrique. Manual de História Militar Geral. Resende: AMAN/Div Ens, 2008.